

BNCC E LÍNGUA INGLESA: REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM A PARTIR DA LEITURA**BNCC AND ENGLISH LANGUAGE: REFLECTIONS AND IMPLICATIONS IN THE PROCESS OF LEARNING FROM READING**Débora Lopes de Oliveira¹Renato de Oliveira Dering²

RESUMO: Este trabalho tem a proposta de refletir sobre o ensino da Língua Inglesa no ensino básico tomando como base as relações entre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e seus propósitos para o Inglês. A partir de uma revisão bibliográfica, pretende-se ampliar os estudos sobre o ensino de Língua Inglesa, possibilitando novas perspectivas para o processo de ensino, logo, sendo um facilitador no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Língua inglesa; Educação básica; Ensino de inglês; Metodologia; Língua estrangeira.

ABSTRACT: This research has the proposal to reflect on the teaching of the English language in basic education based on the relations between the National Curricular Common Base (*Base Nacional Comum Curricular - BNCC*, in portuguese) and its purposes for English. Based on a bibliographical review, we intend to expand the studies on the teaching of English Language, allowing new perspectives for the teaching process, thus being a facilitator in the learning process.

Keywords: English language; Basic education; Teaching English; Methodology; Foreign language.

INTRODUÇÃO

É comum, ainda, que o entendimento sobre o ensino da Língua Inglesa ocorre somente pelo trabalho de tradução e pontuações gramaticais. Adquirimos, no ensino básico, uma língua estrangeira – normalmente, o Inglês – sem as preocupações que

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. E-mail: deborabethebest@gmail.com

² Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Assistente no Uni-ANHANGUERA (Centro Universitário de Goiás). É líder/pesquisador no grupo de pesquisa FORPROL (CNPq/UFVJM). Também participa dos grupos de pesquisa INTERARTES (CNPq/UFG) e OBIAH (CNPq/UFG). Desenvolve pesquisas na área de Letramentos e nas relações entre Letras e Ensino. E-mail: renatodering@gmail.com

envolvem o contexto de uso, colocando em questão, dessa forma, se realmente há um ensino adequado e/ou eficaz, que suscite um real aprendizado. Contudo, pouco é observado e discutido sobre os obstáculos que são frequentemente enfrentados pelos pedagogos acerca das metodologias de ensino-aprendizagem e, não apenas isso, um reforço negativo à representação desse estereótipo de ensino.

Observando a importância desse componente curricular, o presente trabalho tem como objetivo analisar os obstáculos enfrentados pelos pedagogos no que se refere às metodologias de ensino da Língua Inglesa no Ensino Fundamental, com foco na leitura, e o que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre as necessidades no ensino dessa língua.

Panorama sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Recentemente, um dos documentos mais comentados na área da educação tem sido a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), devido a sua implementação e substituição dos documentos anteriores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Esse documento recebeu muitas sugestões, visto que foi aberto à opinião pública durante alguns meses e, por essa e outras razões, já se mostrou tão importante, não só para os educadores brasileiros, mas também para o país inteiro. Esse documento será o norteador para as práticas educacionais em sala de aula, mas, afinal, o que é Base Nacional Comum Curricular e como ela pode afetar o Ensino da Língua Inglesa, principalmente no Ensino Fundamental?

A BNCC teve como inspiração os PCNs e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), porém, a BNCC parece ser mais específica e mais clara, com objetivos a serem alcançados a cada etapa do ensino. A Base tem a proposta de direcionar e regulamentar o que deve ser ensinado nas escolas do Brasil inteiro, tanto na rede pública quanto no particular.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017, p. 05).

Os parâmetros norteadores da BNCC englobam todas as fases da educação básica, da Educação Infantil até o final do Ensino Médio. O documento tem o que podemos

entender como uma referência de objetivos, que são essenciais para o processo de ensino, e visa a efetivação do processo de aprendizagem. Os objetivos para a aprendizagem devem ser pontuados para que todos os alunos os alcancem. Eles são definidos por meio das competências e habilidades. Entretanto, ressaltamos que, ratificando o que preza o documento, será o currículo que deverá determinar como esses objetivos serão alcançados.

Em junho de 2015, foram definidos os profissionais qualificados para fazerem parte da comissão de especialistas para a elaboração da proposta de Base Nacional Comum Curricular e, no mesmo mês, o Portal BNCC foi lançado. Ainda em 2015, em julho, o texto preliminar da Base foi divulgado. Em setembro do mesmo ano, o portal abriu um espaço para a contribuição pública, que ficou aberta para receber “feedbacks” até dia 15 de dezembro de 2015, porém, posteriormente, o fechamento foi prorrogado para o dia 15 de março de 2016, concluindo a consulta pública da primeira versão.

Com objetivo de receber contribuições de professores, alunos, coordenadores e especialistas para ampliar e melhorar o documento, a segunda versão foi lançada em maio de 2016, dando iniciativa aos Seminários Estatuais em todas as 27 unidades federais. Passado o Seminário, a Base foi entregue ao então Ministro da Educação, Mendonça Filho, em setembro de 2016. No entanto, o documento apresentou algumas preocupações, dentre elas: a linguagem confusa e genérica. Ponderou-se, nesse critério, a necessidade de maior clareza e consistência em seu texto, evitando ambiguidades.

Após a entrega ao Ministro, foi proposto que o documento fosse dividido em duas partes: uma que englobasse da Educação Infantil ao Ensino Fundamental e a outra que contemplasse todo o Ensino Médio. No dia 6 de abril de 2017, a terceira versão foi divulgada, mas sua publicação só ocorreria algum tempo depois, no início de 2018. Após a versão final da Base Nacional Comum Curricular ser aprovada, foi constatado pela Secretaria da Educação que municípios e estados poderiam inserir, em seus currículos específicos, conteúdo próprios, como História e Geografia da região, tradições específicas de povos indígenas, entre outros pontos de peculiaridade da região. Votada pelo CNE (Conselho Nacional de Educação), a Base Nacional Comum Curricular foi reconhecida pelo MEC, tornando-se, então, obrigatória nas elaborações dos currículos e serão implantados em todas as escolas do Brasil.

Criado para ter clareza em sua estrutura, a BNCC está dividida de modo a esclarecer as competências que os alunos deverão desenvolver ao longo da Educação Básica, ou seja, na Educação Infantil ao Ensino Médio. Competências que deverão ser

tradas de forma transdisciplinar. A composição estrutural da Base deve facilitar o uso do documento para todos os profissionais na área da educação.

A forma de apresentação adotada na BNCC tem por objetivo assegurar a clareza, a precisão e a explicitação do que se espera que todos os alunos aprendam na Educação Básica, fornecendo orientações para a elaboração de currículos em todo o País, adequados aos diferentes contextos (BRASIL, 2017 p. 31).

A estrutura geral citada da página 24 à página 31 esclarece como as aprendizagens estão organizadas em todas as etapas do Ensino Básico, que, por sua vez, são explicadas com composição dos códigos alfanuméricos para facilitar a identificação das aprendizagens. Com a primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil apresenta os eixos estruturantes das práticas pedagógicas, que são as interações e as brincadeiras, seguidas por seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento – a saber: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. (BRASIL, 2017) Para que os alunos possam aprender os conteúdos ensinados e desenvolver de forma mais efetiva duas habilidades, traz, também, cinco campos de experiência, são eles: 1) o eu, o outro e o nós; 2) corpo, gestos e movimentos; 3) traços, sons, cores e formas; 4) oralidade e escrita; 5) espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Para o Ensino Fundamental, as cinco áreas de conhecimento são: Linguagens, Matemática, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Ensino Religioso. Nessas áreas, os processos estão organizados para que as competências específicas sejam explicitadas. São estabelecidas, para as áreas com mais de um componente, habilidades específicas que estão relacionadas a diferentes objetivos de conhecimento, como conteúdo, conceitos e processos, organizados em unidades temáticas. (BRASIL, 2017)

A proposta deste documento está mais clara e com o objetivo político de ter uma formação mais humana e integral, propondo a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Apesar das muitas críticas, negativas e positivas, acredito, sinceramente, que a Base Nacional Comum Curricular possui um enorme potencial para ajudar a reduzir a desigualdade na educação brasileira, tanto nas escolas particulares quanto nas públicas, porém tudo isso depende da qualidade da implementação da BNCC. Para essa execução ser aplicada com sucesso, será necessário que uma formação forte seja oferecida e equipes de professores capacitados sejam treinadas. Além disso, será preciso, também, que os estudantes, a família e a sociedade como um todo colaborem para o sucesso da implementação. Lembrando que um desempenho, no que diz respeito à aplicação da Base, se fará necessário para garantir o alinhamento dos conteúdos com as

propostas curriculares nas redes de ensino e com os projetos político-pedagógico das escolas. Ademais, a formação obrigatória e continuada dos professores, assim como a presença de matérias didáticas coerentes em todas as etapas da escolaridade, é de vital importância para o êxito da BNCC.

A Língua Inglesa no contexto da BNCC

A Língua Inglesa (LI) foi definida pela Base Nacional Comum Curricular como Língua Estrangeira (LE) obrigatória que deverá ser ensinada no Ensino Fundamental II em todas as escolas brasileiras. No entanto, ainda acreditamos que o documento apresenta, em sua redação, o estigma negativo da LI dentro da escola, aqueles mesmos velhos problemas oriundos de aulas baseadas em tradução, memorização e repetição. É interessante perceber que, enquanto o documento ainda possuir resquícios desse ensino de LI, continuará trazendo também um olhar necessário para a prática de leitura na área de linguagens. De acordo com o documento:

O eixo Leitura aborda práticas de linguagem decorrentes da interação do leitor com o texto escrito, especialmente sob o foco da construção de significados, com base na compreensão e interpretação dos Gêneros escritos em língua inglesa, que nos circulam diversos campos e esferas da sociedade. (BRASIL, 2017, p. 239).

A Base Nacional Comum Curricular de Língua Inglesa no Ensino Fundamental está dividida por eixos, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, distribuídos por ano de escolaridade (6º, 7º, 8º e 9º anos), em um crescente grau de complexidade e consolidação das aprendizagens. As 88 habilidades descritas pela BNCC para a Língua Inglesa, que devem ser dominadas pelos alunos do Ensino Fundamental, estão divididas em cinco eixos: escrita, oralidade, leitura, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural. Atentar-nos-emos à leitura.

Leitura

A leitura é um dos pontos principais para desenvolver capacidades de aquisição de linguagem. As competências leitoras estão bem explícitas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segundo o documento: “[...] o desenvolvimento de estratégias de reconhecimento textual e de investigação sobre as formas pelas quais os contextos de

produção favorecem processos de significação e reflexão crítica/problematização dos temas tratados” (BRASIL, 2017, p. 241-242).

É reconhecida por professores como a habilidade de *skimming*, *scanning*, *preview*, que é uma técnica de leitura que auxilia a tradução de um texto em inglês de forma mais rápida. As cinco tipologias textuais, como narração, descrição, injunção, exposição e dissertação, estão mencionadas nas habilidades, porém, vale ressaltar, nada é dito a respeito dos desenvolvimentos do processo de apropriação dos gêneros.

O trabalho com gêneros textuais variados está mencionado na BNCC, contudo, acreditamos que é necessário um suporte neste desenvolvimento, que, até então, é pouco explorado na história no ensino de língua estrangeira no Brasil.

A mudança de concepção da prática de leitura poderia reverter este preconceito do uso da leitura e da fala na Língua Inglesa, lembrando que é necessário o uso de materiais de leitura que atraiam os alunos. De acordo com Antunes (2003, p. 29):

Uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidades para futuras “cobranças”; leitura que é, assim, reduzida a momentos de exercício, sejam aqueles da “leitura em voz alta” realizados, quase sempre, com interesses avaliativos, sejam aqueles que têm de culminar com elaboração das conhecidas “fichas de leitura”.

O apontamento de Antunes, voltados à aula de Língua Portuguesa, é também um problema nas aulas de Língua Inglesa, justamente por termos como foco, geralmente, leituras mecânicas ou centradas para o ensino de conhecimentos meramente linguísticos.

A dificuldade na aprendizagem da língua inglesa

Com o passar do tempo, aprender uma segunda língua passou a figurar como uma das necessidades fundamentais de todo indivíduo, sendo cada vez mais importante para a formação do aluno. A aprendizagem da língua inglesa vem se tornando cada vez mais um desafio para os professores e os alunos, sobretudo nas escolas da educação básicas. Alguns exemplos são: a falta de material didático ou a presença de materiais que não estão coerentes com a faixa etária e com a série; as cargas horárias, que são insuficientes, tendo em vista o tempo necessário para que o professor passe o conteúdo com diligência e eficácia; a superlotação dentro de sala; e o próprio despreparo dos professores frente ao conteúdo.

Gimenez (2008) assegura que existe uma divisão acerca do ensino da língua inglesa. De um lado, existe os documentos que guiam o ensino da linguagem, por exemplo a DCEs e os curriculares básicos. De outro lado, temos a realidade dentro da sala de aula, onde estes documentos ou leis não têm nenhuma finalidade. Lembrando que essas divisões são pouco discutidas e os professores não recebem orientação sobre como podem estar colocando em prática esta teoria dentro de sala de aula.

De acordo com Montrezor e Silva (2009), as metodologias para o ensino de língua estrangeira estão se tornando cada vez mais interessantes e se relacionando a realidade do aluno, porém ainda são encontrados métodos que enfatizam somente a gramática, sem trazer o uso para o contexto real.

Para que realmente possamos aprender um novo idioma, o aluno precisa compreender os conteúdos comunicativos da língua e não exclusivamente o aspecto da gramática, ou seja, somente conhecemos de fato uma língua quando passamos a conhecer a cultura do povo. É importante compreender que o ensino da língua inglesa vai além da mera apresentação da gramática básica. Ele precisa ser apresentado ao aluno de forma a deixar evidente a finalidade do aprendizado e os benefícios de usufruir da nova língua em seu crescimento profissional e pessoal (MONTREZOR E SILVA, 2009).

A Leitura na língua inglesa

No ensino e no aprendizado da linguagem, a leitura é uma habilidade que está presente tanto no ensino da língua materna quanto da estrangeira. Porém, acordo de com Coracini (1999), mesmo com a importância dada ao processo de ensino e aprendizado da língua estrangeira, os materiais didáticos e os métodos usados estão muito longe de serem adequados para o uso da leitura dentro da sala de aula. O que temos dentro da escola são livros didáticos de inglês sem uma análise prévia do conteúdo. Coracini (1999) cita também que as matérias que estão disponíveis no mercado ainda estão presas às tradições da gramática, sendo as regras o foco da aprendizagem.

A leitura, quando bem utilizada, pode abrir horizontes e permitir que o aluno se aproprie da sua cidadania com mais segurança. Vale ressaltar também que, por entender que em toda sala de aula temos alunos com níveis de conhecimento diferentes, cabe ao professor desenvolver uma atividade da língua inglesa que favoreça o ensino da leitura, da escrita e da audição, por serem as necessidades mais básicas do aluno. Faz-se necessário, portanto, que o professor tenha domínio conteúdo e recorra a uma metodologia diversificada para auxiliar o aluno.

A partir destas reflexões, foi feita a leitura de diferentes autores e do artigo “O papel da leitura crítica no ensino de inglês como língua estrangeira”, de Patrícia Maracuzzo (2018), assim como da obra *Oficina de leitura: teoria e prática*, do autor Kleiman (2002), que abordam o procedimento da leitura. De acordo com estes autores, existem três modelos de métodos da leitura: o *Bottom-up*, que é um processo que faz a decodificação dos sinais gráficos em forma de palavras, fazendo com que o leitor esteja extraindo as informações dos textos; o *Top-down*, ou descendente, diferente do *Bottom-up*, e o leitor que é responsável pela significação das palavras, tendo de acionar seus conhecimentos prévios para alcançar construir o sentido; e o processo interativo, que explica Kleiman (2002, p. 35-36):

O processamento INTERATIVO corresponde ao uso de dois tipos de estratégias, segundo as exigências da tarefa e as necessidades do leitor: aquelas que vão do conhecimento do mundo para o nível de decodificação da palavra, envolvendo um tipo de processamento denominado TOPDOWN ou descendente, conjuntamente com estratégias de processamento BOTTOM-UP, ou ascendente, que começam pela verificação de um elemento escrito qualquer para, a partir daí, mobilizar outros conhecimentos (ênfase no original).

Já que a leitura não é tão usada em sala de aula, o professor tem de utilizar certos meios para facilitar o aprendizado para os seus alunos. Na compreensão da leitura, o professor tem que dar suporte estratégico para facilitar a compreensão. Assim, a partir desta compreensão, utilizando as estratégias, o conteúdo se tornará significativo para a leitura de textos em língua inglesa. No entanto, o que são estratégias de leitura? Para Joly e seus colaboradores (2006),

De acordo com as estratégias de leitura: são habilidades usadas para promover a compreensão em situações de leitura, caracterizando-se por serem planos flexíveis que os leitores usam, adaptados às diferentes situações, variando de acordo com o texto a ser lido e o plano ou abordagem elaborada previamente pelo leitor. (JOLY; SANTOS; MARINI, 2018, p. 205)

Com esta visão, percebemos que as estratégias são fundamentais para uma leitura crítica, por isso a importância de utilizarmos estratégias como a *Scanning* e a *Skimming*, que são sugeridas pela BNCC na parte destinada aos “Objetivos de Conhecimento”, em “Compreensão geral e específica”.

A estratégia de *Skimming* é usada para se obter a ideia geral do texto, ou seja, a informação principal, sem nos preocuparmos com os detalhes. Nesse processo, a atenção recai sobre alguns elementos específicos, como o título, o layout do texto, o subtítulo, etc. Já na estratégia do *Scanning*, o objetivo é encontrar informações específicas dentro de um

texto, sabendo, durante a busca, exatamente o que procura – por exemplo, datas, um horário, um nome –, a leitura por completo, tendo em vista a leitura direcionada, se torna desnecessária.

Mesmo com tantas dificuldades, acredito que cabe ao professor sondar o conteúdo a ser trabalhado dentro de sala de aula, lembrando sempre da bagagem do aluno, e apresentar aprendizagem significativa. Um aprendizado com significado é, antes de mais nada, aquele que valoriza os conceitos, teorias, o conhecimento prévio e a experiência do aluno. Toda essa bagagem deve ser transportada para o conteúdo e aproveitada nas atividades realizadas na sala de aula. Dessa forma, por meio das atividades propostas, será possível obter mais motivação.

É evidente que existe pouco conteúdo acerca do uso da leitura como um método a ser utilizados dentro da sala de aula. É difícil dizer que algo tão importante como a leitura em inglês seja marginalizado ou mesmo inexistente. Cabe ao professor trazer algo que desperte o aluno para o desconhecido, instigando, assim, a curiosidade pela leitura de textos em língua estrangeira, de forma descontraída e criativa.

Possibilidades de ensino: Método da leitura (*The reading method*)

O objetivo principal deste método (ML) é o desenvolvimento da habilidade da leitura dentro de sala de aula. Por isto, é necessário utilizar o máximo de condições para a leitura possível, tanto dentro de sala como fora. Lembrando que o desenvolvimento do vocabulário do aluno dentro desta metodologia é muito importante, trata então expandi-la o mais rápido do possível para um melhor desenvolvimento. As primeiras aulas são controladas por vocabulário, nas primeiras atividades predominas atividades escritas com base em texto pequeno com fácil entendimento. A dramática e restringida para ter uma melhor compreensão da leitura.

Algumas características destes métodos são, por exemplo, utilizar a gramática em seu uso na compreensão da leitura proposta. Outros fatores importantes é atenção às pronúncias, desenvolvendo as habilidades orais de conversação. O vocabulário, por sua vez, é monitorado, buscando a expansão nas leituras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar e aprender a língua inglesa nas escolas do Brasil se tornou fundamental, não só pela inclusão da LI na BNCC, mas também por sua relevância no que diz respeito

à democratização do conhecimento. É necessário que os professores se atualizem, que saiam dos modelos formais de ensino da língua inglesa.

A leitura é um dos focos principais no ensino de línguas, portanto, reinventar práticas, saindo do tradicional ensino voltado às competências gramaticais. É preciso que o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa ofereça ao aluno um propósito, para que ele possa aprender a se comunicar, obter informação, etc. Independente de qual seja a forma de ensinar, o importante é que o aluno aprenda e passe a utilizar esta habilidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. 3º ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.
Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf
> Acesso 20 maio 2018.

CORACINI, M. J. (Orgs.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 1999.

JOLY, M. C. R. A.; SANTOS, L. M.; MARINI, J. A. S. **Uso de estratégias de leitura por alunos do ensino médio 1**. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/42852701-Uso-de-estrategias-de-leitura-por-alunos-do-ensino-medio-1.html> >. Acesso em: 22 mai. 2018.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 9ª Ed. Campinas: Pontes, 2002.

MARACUZZO, P. **O papel da leitura crítica no ensino de inglês como língua estrangeira**. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/28981> >. Acesso em: 22 mai. 2018.

MONTREZOR, B. M.; SILVA, A. B. **A dificuldade no aprendizado da Língua Inglesa**. Cadernos UniFOA. Volta Redonda, ano IV, n. 10, agosto. 2009.

Recebido em: 2 jun. 2018

Aceito em: 25 jun. 2018